

Este rápido estudo do texto nos interpelou quanto à necessidade de superar os preconceitos que temos em relação às mulheres e comunidades negras em especial, revisando em nossa vida cotidiana a nossa linguagem preconceituosa que contribui para a negação destes grupos. Visto que a linguagem preconceituosa nos revela que vivemos numa sociedade doente, e que essa doença produz marginalização psicológica e social de pessoas e grupos. Pois as exclusões sociais provenientes do racismo, do sexismo e dos antisemitismos se revelam a través das palavras, da fala. Assim, vemos que a nossa retórica é uma ferramenta que serve tanto para a dominação como para a libertação, isto é, ela pode produzir tanto vida como morte. E, como cristãos e cristãs, nosso compromisso é com a vida.

Também percebemos que um dos nossos principais desafios é possibilitar a abertura das nossas fronteiras eclesiais abraçando a diferença. Isto, sem dúvida, nos desafia quanto à necessidade de uma igreja mais aberta e plural, e deste modo o cristianismo que pregamos se engrandece. Um outro elemento ressaltado nessa

prática de Jesus é a necessidade de diálogo com aqueles que estão debaixo da mesa, isto é, no lugar de exclusão social, desprovidos da palavra. Finalmente reivindicamos o direito à inclusão de gênero, etnia, idade, limitações, opções sexuais em nossa igreja. Isto nos ajuda na cura de preconceitos que ainda rondam as nossas comunidades eclesiais. Isto, sem dúvida, rompe barreiras e cria novas relações mais justas e fraternas entre as pessoas.

Fechamos nosso estudo manifestando o nosso compromisso com meus semelhantes cantando: “Na nova terra o negro, o índio, o empobrecido, o branco e todas vão comer no mesmo prato”, salientando a riqueza da oficina e lamentando o fato de que este tema seja somente aproveitado por um grupo tão pequeno dentro de um evento com um público tão numeroso. Contudo, continuaremos caminhando nessa busca da prática solidária de Jesus em nosso cotidiano.

#### Bibliografia

- SCHÜSSLER FIORENZA, Elizabeth. Pero ella dijo. Editorial Trotta, Madri, 1996. p. 62-67.  
DE LIMA, Silvia Regina, En territorio de frontera  
Una lectura de Marcos 7,24-30. San José, DEI, 2001, 131 p.

## Reflexões sobre um currículo inclusivo

Selenir C. Gonçalves Kronbauer\*

Estimulada a contribuir com um texto para o Boletim Identidade, tentei elencar alguns aspectos relativos a educação, inclusão/exclusão e libertação, relacionando-os ao “Currículo Escolar e suas implicações no cotidiano d@s estudantes”.

Entendo que ensinar é uma forma de intervir na realidade e que os e as profissionais da educação precisam ser éticos,

revelando aos estudantes sua capacidade de analisar, comparar, avaliar e decidir sem omitir-se diante da realidade. Assim o entendo quando Paulo Freire afirma que “ensinar exige compreender que a educação é uma forma de intervenção no mundo”<sup>1</sup>.

A escola, o espaço onde o indivíduo deveria circular com mais liberdade

parece que hoje tem-se “concentrado”, resultando num espaço em que ainda está sendo estudado, como uma “fórmula mágica” para tentar “salvar” a humanidade através da educação. Diante disso, qual o papel da educação neste contexto?

A inclusão ou exclusão acontece nos diferentes segmentos sociais por onde o indivíduo circula, percebendo-se, de maneira geral, que a questão ainda não está clara no que diz respeito ao comprometimento e responsabilidade de cada um no que tange à educação. Observa-se que ainda falta conscientização em relação ao processo cultural quando se busca analisar o currículo das escolas, em especial as escolas de formação de educador@s.

A busca pela autonomia e liberdade faz parte da vida diária do ser humano. Como define Fiori:

“A educação é o esforço permanente do homem por constituir-se e reconstituir-se, buscando a forma histórica na qual possa re-encontrar-se consigo mesmo, em plenitude de vida humana, que é, substancialmente, comunhão social.”<sup>2</sup>

Com base no que Fiori afirma, o ser humano é o que faz de si mesmo na atividade de cultivar-se. Cultivar-se é o mesmo que historicizar-se. Faz-se necessário haver um diálogo integrador que oportunize a troca de idéias entre educadores e educandos para que seja despertada a consciência de que o ser humano possa educar-se e não ser educad@. A exemplo de Freire em seu “método” de alfabetização, cujas discussões e reflexões levaram seus aluno@s a sistematizar e organizar seu pensamento sobre questões da realidade, assumindo uma postura crítica, ou seja, “o educando refletindo sobre sua própria realidade”.

Se partirmos do princípio de que o aluno e a aluna não devem ser mais considerad@s como meros receptor@s de informações, mas sim como sujeitos capazes de buscar seu desenvolvimento e estabelecer relações do conhecimento, do qual se apropriaram, com a vida diária, não temos mais condições de dar ênfase às

disciplinas isoladamente e aos conteúdos transmitidos de forma linear e unilateral.

Quando se imagina uma organização curricular que atenda as necessidades da comunidade escolar de um modo geral, conseqüentemente, deveria surgir a preocupação de se buscar um projeto curricular que exija o compromisso de uma prática educativa que forme um cidadão e cidadã consciente, crític@ e participativ@ e que ao mesmo tempo desmistifique a ilusão equivocada de que o acréscimo de atividades pedagógicas seja o suficiente para cumprir a função de mudanças no currículo.

Acredito que a influência do currículo na educação do sujeito parte da clareza e posicionamento que as pessoas envolvidas na sua elaboração têm sobre visão de humanidade, mundo e sociedade.

Nos debates e seminários de que tenho participado, surgem questões muito bem pontuadas envolvendo, entre outras, as situações dos grupos dos diferentes Movimentos Sociais como MST, Grupos de Afro-Descendentes, Grupos Indígenas. Nestas discussões também surgem questionamentos relevantes sobre a elaboração e organização dos Projetos Político-Pedagógicos e Currículos, baseados em Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), quando na verdade existem diferentes situações sociais envolvendo cada grupo, e não se concebe mais um currículo que sirva exclusivamente aos valores de uma determinada sociedade.

Sabe-se que o currículo carrega em si condicionantes sócio-político-culturais que determinam diferentes visões do ser humano, mundo e sociedade, que, direta ou indiretamente, implicam o tipo de ensino que se desenvolve. O currículo configura-se como ação viva e concreta que transcende os muros da escola e “invade” o contexto social. Deste modo, como as situações têm-se apresentado em relação aos grupos dos diferentes movimentos sociais, percebemos que ainda nos deparamos com o desafio de entender qual concepção de sociedade é a “base” para a

formulação de um currículo escolar na perspectiva da emancipação humana ou da inclusão.

## Notas

1 Paulo Freire, *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*, São Paulo: Paz e

Terra, 1996, p.110.

2 Ernani Maria Fiori, *Textos escolhidos: v. II. : Educação e Política*, Porto Alegre: L&PM, 1991, p. 83.

\* Pedagoga Especialista em Supervisão Escolar - UFRJ; Mestranda em Teologia na Área Religião e Educação IEPG/EST; Professora no Colégio

# A maldição de Hera: O lugar do sujeito e o resgatar da fala para além da simples reprodução

Hênio Santos de Almeida\*

Dentre as muitas peripécias de Zeus, conta-nos a mitologia grega a história de uma bela e falante ninfa de nome Eco.

Diz a lenda que certo dia estava Zeus, o Rei dos deuses do Olimpo e marido de Hera, paquerando as ninfas do bosque, quando a enfezada esposa deu por sua falta. Indignada e isso com razão, a enciumada esposa desce do Olimpo para dar o flagrante no marido adúltero.

Para sorte de Zeus que, como todo marido, detesta ser pego em flagrante, uma das ninfas, a bela Eco, dona de uma voz aveludada e possuidora do dom da fala e, assim, grande contadora de estórias, percebeu a chegada da deusa e, para salvar o amigo, colocou-se no caminho dela e, como se diz em Minas, "garrrou de conversa", contando-lhe as mais interessantes e longas, é claro, histórias que conhecia.

Resultado? Bem, Zeus, percebendo a chegada da esposa, logo trata de voltar para seus aposentos reais, ou melhor, divinos, e Hera, percebendo-se enganada por uma reles ninfa, resolve vingar-se. Assim, decide lançar uma maldição sobre a pequena amiga de Zeus. A partir daquele momento, Eco perderia o dom da fala e tudo que poderia fazer seria repetir as últimas palavras que lhe dissessem.

Eco, apaixonada por Narciso, não lhe pôde declarar amor. O jovem abandonou-a e a ninfa, desesperada, embrenhou-se nos bosques, fugindo a qualquer convívio.

Definhou tanto que, passado algum tempo, só restou dela a voz que fez eco nas montanhas. Esta é a razão pela qual, ainda hoje, quando falamos diante de um lugar vazio pleno de rochas, ouvimos a voz da triste ninfa a repetir nossas últimas palavras.

A primeira vez que ouvi essa lenda, percebi logo que ela pode servir de metáfora de muitas de nossas relações, sejam elas religiosas, educacionais, familiares ou mesmo políticas.

Mas pensando como teólogo em formação que sou, não pude deixar de pensar no que ela tem a dizer para nós, estudantes de Teologia, e para nossa tão amada Igreja.

É obvio que a lenda vale por si, pois trata como maldição não a perda da fala, mas antes a repetição mecânica daquilo que se ouve. A ligação com a vida social me pareceu e ainda me parece óbvia. Quando os indivíduos de uma comunidade são privados dos mecanismos, dos espaços ou das oportunidades da fala, tenderão a repetir aquilo que lhes for dito.

Parece-me que por muito tempo tem sido assim em algumas igrejas e até mesmo em algumas faculdades. É inevitável pensar na vida religiosa em que sacerdotes e ministros detêm a palavra, seja a revelação ou mesmo a pregação. Neste caso é Deus quem fala, ou melhor, uns poucos falam por Ele. É também inevitá-